

Outros sujeitos, outra escola? Estratégias e práticas no contexto de escolas específicas para surdos

Liane Camatti*
Márcia Lise Lunardi-Lazzarin**

Resumo

A comunidade surda tem, recursivamente, buscado as escolas específicas para surdos por ser este um espaço no qual seria possível encontrar segurança e condições de resistência. Através deste artigo, intenta-se compreender como as premissas que sustentam a instituição escolar são direcionadas, haja vista a aproximação com os movimentos surdos. Para realizar esta abordagem, foram utilizados excertos de entrevistas realizadas com surdos professores e alunos de diferentes escolas específicas para surdos do Estado do Rio Grande do Sul. Os estudos de vertente pós-estruturalistas forneceram as ferramentas teóricas que possibilitaram as análises. Através desta pesquisa, evidenciou-se como a comunidade surda se insere no espaço escolar, fazendo com que as premissas do capital cultural surdos sejam legitimadas na escola de surdos. Apesar disso, foi possível olhar para como os processos de disciplinamento inerentes à instituição escolar acontecem da mesma forma no espaço da escola de surdos, mesmo ela sendo tomada pelos surdos como o local da redenção e como sua maior trincheira.

Palavras-chave: Escola de surdos. Resistência. Sujeito surdo.

Other subjects, other school? Strategies and practices in the context of specific schools for the deaf

Abstract

The deaf community has recursively searched for specific schools for the deaf because it is a space where you could find safety and resistance conditions. Through this article, it seeks to understand how the assumptions that support the school institution are directed, given the nearness with the movements for the deaf. To accomplish this approach, we used excerpts from interviews with deaf, teachers and students from different specifically schools for the deaf of the State of Rio Grande do Sul. The studies of the post-structuralist concern provided the theoretical tools that enabled the analysis. Through this research, it became clear how the deaf community falls within the school, making the assumptions of cultural capital legitimized in the school for the deaf. Nevertheless, it was possible to look at how the processes of discipline inherent in the educational institution happen the same way in the school for the deaf, even though it was taken by the deaf as the site of redemption and as its largest trench.

Keywords: School for the deaf. Resistance. Deaf.

* Professora de Educação Especial/LIBRAS, Instituto Federal Farroupilha, Alegrete, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Professora Doutora Adjunta do Curso de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Não são novidade, entre os engajados na militância surda, os efeitos que políticas governamentais têm na educação de surdos.¹ A abrangência dos efeitos dessas políticas chega à constituição do indivíduo pelas mais diversas formas, indo desde o desenvolvimento de sua cognição, marcando os efeitos sobre o corpo físico, até os efeitos sobre o sujeito que emerge com suas múltiplas identidades. Nesse panorama, a comunidade surda tem buscado estratégias que não mais estão na resposta imediata às assimetrias de poder, mas em uma organização, um conjunto de forças que operam a partir de certos pressupostos. A comunidade surda tem, senão encontrado, ao menos procurado, no espaço da escola de surdos, a trincheira dentro da qual daria corpo para esse movimento.

Este artigo, assim, traz a escola de surdos no centro das atenções. Apesar de, simplesmente por ser escola, ela já apresentar contornos definidos de antemão, é fato que também tem limites bem peculiares quando a intencionalidade da comunidade de articular-se se aproxima do território escolar. Dessa forma, a produção deste artigo é norteada pelo seguinte questionamento: como, de certa forma, as premissas que sustentam a instituição escolar são direcionadas, haja vista a aproximação com os movimentos surdos?

As ferramentas conceituais utilizadas nas análises deste artigo advêm dos estudos de vertente pós-estruturalista. Tal escolha é motivada pela oportuna contribuição oferecida por esta perspectiva teórica no que tange à constituição de sujeitos e nos processos e técnicas postas em funcionamento através da instituição escolar com vistas a modos específicos de constituição de subjetividades. Os objetos submetidos à análise nesta pesquisa são excertos de entrevistas produzidas com alunos e professores surdos de escolas específicas para surdos do Estado do Rio Grande do Sul.²

Assim, o interesse está justamente em perceber de que maneira as configurações da escola impostas pela presença da comunidade podem determinar formas específicas de produção de sujeitos surdos. Pensar a escola, nesse contexto, se faz imprescindível. Interessa para esta pesquisa lançar um olhar à sua configuração quando tomada recursivamente pela comunidade surda como local da segurança e de possibilidades de resistência.

A recursividade da escola de surdos: a trincheira, a segurança e o local da diferença

Será impossível a tarefa de educar na diferença? Felizmente, é impossível educar se acreditamos que isto implica formatar por completo a alteridade, ou regular sem resistência alguma, o pensamento, a língua e a sensibilidade. Porém, parece atraente, pelo menos não para poucos, imaginar o ato de educar como uma colocação, à disposição do outro, de tudo aquilo que lhe possibilite ser distinto do que é, em algum aspecto. Uma educação que aposte transitar por um itinerário plural e

criativo, sem regras rígidas que definam os horizontes de possibilidade. (DUSCHATSKY; SKLIAR, 2001, p. 137)

Aparentemente, não está na ordem das produções acadêmicas iniciar uma seção de trabalho científico utilizando um excerto, muito menos um dessa proporção e um que não anuncie diretamente o que será abordado nesse espaço. No entanto, se é feito, não o é sem motivo.

A escola específica para surdos é o espaço físico com as condições de possibilidade de produção do sujeito surdo pedagogizado e regulado pelas práticas escolares. Então, se o excerto acima ali está é porque traduz em linhas o que a escola de surdos representa para sua comunidade. Para esta, sua escola vem sendo recursivamente posta como o espaço no qual seria possível “educar para a diferença” – a sua diferença.

Porque a escola é quase como uma família para o surdo. No meio de tantos ouvintes, os surdos não têm espaço para comunicar-se, para conversar, e sentem falta disso. A escola é um espaço no qual é possível que os surdos encontrem isso (PCxs).

Além disso, essas trocas que acontecem aqui na escola de surdos, seja com surdos ou com ouvintes, atenuam as dificuldades na aprendizagem e evitam processos dolorosos para os surdos, proporcionando possibilidades de crescimento para o surdo (ASm).

São relativamente evidentes os sentimentos dos surdos em relação à sua escola, pois traduzem a possibilidade que ela apresenta de comportar a segurança de quem está nela. Todavia, o que está em voga não é a efetiva possibilidade de isso acontecer. Sobretudo durante as duas últimas décadas, e mais especificamente no Estado do Rio Grande do Sul, o espaço da escola de surdos vem sendo trazido à pauta e exaustivamente debatido, a ponto de ser, de estar, de certa forma, perpetuado entre aqueles que defendem a convivência surda como o “melhor” espaço para se educar sujeitos surdos. Melhor especialmente pela possibilidade de concentrar todos aqueles elementos, especialmente os culturais, sobre os quais se congregam os surdos.

Este trabalho, dado o objetivo que possui, não vai somar-se aos que debatem a importância desse espaço. Ao utilizar-se o excerto que reitera a possibilidade de educar na diferença, a intenção não é propor que a escola de surdos seja efetivamente o espaço onde isso é possível, e sim trazer ao debate a forma como ela vem sendo entendida pela comunidade surda. Dito de outra forma, vai-se partir da escola para pensar em seus direcionamentos e em seus investimentos na pedagogização dos sujeitos surdos que são constituídos por ela, provocados pelas diferentes formas como a comunidade surda pode se articular a ela.

Veiga-Neto, a partir da afirmação de Foucault (2006 apud VEIGA-NETO, 2008, p. 142), que diz que “o Estado é uma prática”, estabelece uma

correlação, destacando que, da mesma forma, a escola também o é. Enquanto tal, a escola pode adquirir variadas formas e configurações, sem deixar de ser o que é. “Mesmo diante de notáveis polimorfismos, [...] sabe-se quando se está diante da escola e das práticas escolares” (VEIGA-NETO, 2008, p. 142).

A colocação acima é importante para enfatizar que não se está, através deste estudo, sustentando a hipótese de que a comunidade surda, quando imersa na escola, tem condições de modificar radicalmente a estrutura, preceitos e funcionamento desta. A escola, mesmo sendo de surdos, segue construindo sujeitos educados, pedagogizados, disciplinados, ou seja, as práticas inerentes à escola seguem a pleno vapor. O investimento desta pesquisa situa-se na constituição do sujeito educado, pedagogizado, disciplinado a partir das formas pelas quais a comunidade surda entra na escola. Em outras palavras: toda escola pedagogiza, disciplina os sujeitos que por ela passam. A escola de surdos também possui essas práticas, mas a relação imanente processo/produto inerente a esse espaço tem particularidades em função dos atravessamentos da comunidade.

Eu acho que a escola de surdos aqui de Caxias representa uma forma de resistência contra a inclusão (ACxs).

Certamente [o local mais adequado para que os surdos estudem] nos espaços em que seja possível a identificação, o contato e as trocas entre os pares surdos. Nesses lugares, os surdos identificam-se, reconhecem a sua cultura, constroem a sua identidade, constroem conhecimentos sobre seus direitos, sobre a tradição surda, teatro, entre outros elementos que estimulam a construção identitária. Isso é possível nas escolas de surdos, e eu destaco que a importância disso também se deve ao fato de que ela proporciona para o surdo uma formação identitária que vai acompanhá-lo nas posteriores etapas da vida, quando já não mais estiver na escola (ASm).

Nota-se que o direcionamento das atribuições positivas da escola denota o quanto ela, de certa forma, é responsável por garantir a comunidade. Isso ocorre enquanto a escola tem condições de territorializar, de manter sob um espaço físico e um tempo cronológico determinado, os elementos inerentes à comunidade.

Outra questão importante que compõe as possibilidades de análise da escola de surdos está na conjuntura que se articula a partir da escola de maneira geral. Nesse contexto, a instituição escolar é, a todo momento, tomada como objeto que necessita ser repensado, criticado para que, ao fim, se possa atingir uma escola melhorada, mais evoluída, que venha a contemplar os imaginados propósitos da sociedade. Embora no tempo atual muito se debata acerca do momento de crise que atravessa a escola, o fato é que ela é um projeto que triunfou. Como instituição, ela foi capaz de colocar em ação toda a concepção educacional moderna (PINEAU, 2008), abarcando o sujeito e a razão – pilares daquela sociedade. Dessa forma, a crise que acomete a instituição escolar tem estreita relação com a crise que a própria Modernidade enfrenta. Nas palavras

de Costa e Momo (2009), a crise da escola tem sido considerada uma expressão dos embaraços que enfrenta ao prosseguir no cumprimento de seus desígnios, tal como foram esboçados no projeto filosófico, sociopolítico e cultural da Modernidade. Nesse sentido, apesar de relativamente enfraquecidas, reconfiguradas, questionadas ou debilitadas, as premissas que fizeram com que a escola ocupasse os espaços que ocupou em cada época sobrevivem e seguem sustentando e alimentando a necessidade de sua continuidade.

Pineau (2008) abordou premissas que fizeram com que a escola triunfasse como uma produção da Modernidade e, correlativamente, fosse também produtora e sustentadora de uma dada economia de poder. Sucintamente, é possível mencionar questões como a condução dos sujeitos às verdades, o fortalecimento da razão, o estabelecimento de uma essência humana alimentada pela razão, a atribuição de progressão e linearidade temporal, o investimento no infante como adulto (ainda) incompleto, a necessidade de delimitação de uma “moral civil”, o uso de uma estrutura física específica, o estabelecimento e monopolização de saberes fundamentais para a vida em sociedade, entre outras.

Se a crise que se instaura na Modernidade advém em parte da liquefação das relações que compõem a vida (BAUMAN, 2001) ou, como defende Veiga-Neto (2008), se ela vem junto à multiplicação de possibilidades, de verdades e da conseqüente “queda” do original, a instituição escolar que fundamentalmente partiu da essência humana e da possibilidade de resgatá-la e lapidá-la vê ruir uma das suas pedras fundacionais. Nisso, tem-se que a crise pela qual a escola passa é imanente à crise da própria Modernidade.

Abordar a temática da crise que enfrenta a escola na sociedade contemporânea tem um propósito bem específico. A questão é que a constante busca por progressão de todo e qualquer elemento constitutivo da vida é fator inerente à composição dos sujeitos. Deixando de lado a negatividade que foi colada à crise a partir do século XIX, fundamentalmente a crise é relacionada às ações de movimento. Nesse contexto, crise não é apenas positiva, mas especialmente produtiva porque causa movimento e é capaz de modificar o rumo das coisas (VEIGA-NETO, 2008).

Nesse sentido, já que se parte da negatividade da crise, a escola entra em pauta sempre no propósito de melhorá-la e adequá-la. A escola de surdos, assim, entra na lógica das reformas e ocupa um espaço privilegiado como o produto da ponta da linha de melhorias. Mesmo sem adentrar no mérito do desencaixe que a escola – e conseqüentemente – as premissas que a sustentam enfrentam na Contemporaneidade, é necessário destacar que a escola continua sendo uma das mais poderosas máquinas de subjetivação disponíveis na sociedade. Não se trata de aprofundar a discussão acerca do papel da escola, de suas tendências ou sobre a atual conjuntura de um ou mais desses pressupostos. O caso é que, em alguma medida, essas questões estão aí, produzindo subjetividades e, em se tratando de escola de surdos, produzindo formas de ser surdos.

Lopes e Veiga-Neto (2006) já disseram que a escola de surdos tem sido um espaço privilegiado para a aproximação e a convivência dos sujeitos surdos e que tal aproximação acaba por imprimir na comunidade surda marcas importantes nas formas de ser e de estar no mundo, especialmente pelo processo de pedagogização dos movimentos surdos. O sujeito, ao cruzar pela escola, passa a ter as marcas desse espaço incidindo sobre ele e, conseqüentemente, passa a operar de acordo com a sistematização e organização do espaço escolar. Dessa maneira, grande parte das marcas que os sujeitos surdos levam consigo é engendrada na própria escola de surdos.

Se, no trabalho de Lopes e Veiga-Neto (2006), o empreendimento central foi o de buscar entender como a escola delimita modelos específicos de ser surdo, neste momento, talvez seja possível pensar no movimento paralelo a esse. Trata-se de como a distância entre as articulações comunitárias e o espaço da escola pode ser a variável da equação que ajuda a pensar nos contornos que a escola específica para surdos assume enquanto espaço de formação de sujeitos pedagógicos. Esse vínculo – escola e comunidade – é facilmente identificado na história e nas práticas da escola.

É possível fazer um resgate histórico de por que a comunidade aqui tem forte ligação com a escola de surdos. Aconteceu que pais e mães de surdos, familiares em geral, professores, etc., se reuniram e lutaram pela criação da escola de surdos. Deram esse apoio, e, assim, quando a escola foi fundada, o vínculo já estava criado, já que a escola, de certa forma, foi fruto das lutas da comunidade. Desse modo, muitos membros da comunidade eram as pessoas que estavam envolvidas na escola, ou seja, as mesmas pessoas compunham os dois espaços (PSm).

[Em Caxias do Sul] o trânsito dos surdos pela escola e pela comunidade se dá como em um ônibus fechado que faz sempre a mesma linha, sempre com as mesmas pessoas. Dessa forma, parece que todos os assuntos se misturam. Não há uma distinção entre o que deve ficar na escola, que tange ao trabalho, e os assuntos que devem ser discutidos no âmbito da associação. Acontece tudo ao mesmo tempo. Quando qualquer questão precisa ser debatida, ela é trazida para dentro da escola, e tudo acontece aqui dentro (PCxs).

É sugerido que a presença da comunidade na escola é efetiva e intensa. A partir disso, faz sentido retomar a questão de pesquisa elencada no início deste artigo: como, de certa forma, as premissas que sustentam a instituição escolar são direcionadas, haja vista a aproximação com os movimentos surdos? Um dos elementos centrais para fomentar o debate sobre essa questão está no fato de que a escola de surdos, ao aparecer no final da linha de progresso da educação de surdos, parece ter sido alvo de tal reorganização e ter conseguido se tornar um espaço diferente, de respeito, onde as diferenças podem simplesmente ser, sem as constantes pressões da normalidade.

O surgimento da escola de surdos foi quase como a redenção dos surdos, que a partir daquele momento poderiam utilizar a LS (ACxs).

A experiência da escola de surdos é muito interessante. É possível fazer uma comparação entre o tempo em que não havia a escola e agora. Os alunos iam para a escola, mas fracassavam na aprendizagem. Agora, com o surgimento da escola de surdos, eles vêm à escola, aprendem, gostam, ampliam seu conhecimento, abrem-se possibilidades para o trabalho (PSm).

Há uma grande repercussão de que o Ministério da Educação deseja fechar as portas das escolas de surdos. Mas eu acho esse pensamento um pouco negativo, acho que isso não aconteceria. Mas, se fechassem, acho que haveria um retrocesso em relação à educação de surdos, que voltaríamos às mesmas condições de muitos anos atrás. Os surdos lutaram muito pela escola, a comunidade criou as associações e através delas lutou muito pela criação das escolas. Se agora elas fossem fechadas, acho que a educação de surdos pioraria muito. Os surdos não conseguiriam entrar nas universidades, não sei o que aconteceria com a língua de sinais. Nesse caso, novamente os surdos teriam que se reunir e se organizar a fim de pleitear junto aos governos a manutenção das escolas. Esse movimento não pode cessar, pois o fechamento das escolas de surdos não pode acontecer. O fracasso escolar aumentaria muito, e seria muito complicado se levassemos mais 100 anos para reverter esse processo (PSm).

A intenção, neste momento, é atribuir à escola de surdos o mesmo *status* de qualquer outra. Isso pode parecer um tanto quanto óbvio, mas a própria instituição escolar deve ter suas condições de emergência revisadas para que se pense em seu funcionamento no mundo atual. Tais condições são, sim, inerentes também ao espaço da escola de surdos. Apesar de soar como uma obviedade ululante, a escola de surdos, ao despontar como um local de privilégio para os sujeitos surdos, acaba sendo pensada, em sua superfície, como o local da redenção. “Em tais espaços de militância e acrescentando a eles o espaço acadêmico, parece estar apagada a função primeira de qualquer escola na Modernidade, a disciplina, e, na sequência, a socialização e o conhecimento (ensino)” (LOPES, 2010, p. 28-29).

Neste momento, faz-se oportuno desenvolver uma discussão sobre os processos de resistência da comunidade surda, não no intuito de dar visibilidade à forma como tal técnica toma corpo no âmbito da comunidade e da escola, mas para tentar localizar a escola de surdos nesse processo. Conforme já foi discutido, a organização comunitária viabiliza articulações políticas, e a escola de surdos aí se coloca como uma trincheira. Nela, é posta em funcionamento certa parte dos argumentos da comunidade surda para garantir a sua força. Ao inchar seus currículos com elementos culturais supervalorizados, em detrimento dos conhecimentos científicos, a cultura, aqui, além de constituída é também aprendida quando tematizada.

Exemplificando, dar à comunidade o *status* de povo sofrido, corajoso e vencedor garante força à comunidade surda... Implante-se na escola para surdos uma disciplina de história dos surdos. Dar à língua de sinais o *status* de língua completa, com a mesma importância e função de uma língua oral, garante força à comunidade surda... Implante-se na escola para surdos a língua de sinais como língua oficial para todos os momentos, disciplinas de LIBRAS e instrutores de língua de sinais e divulgue-se que seu uso é mais eficiente no espaço da escola específica para surdos. Dar à língua de sinais uma grafia própria e, por isso, torná-la mais independente das línguas orais garante força à comunidade surda... Implante-se na escola para surdos disciplinas e oficinas de SignWriting, sinalizemos os corredores com SignWriting, utilizemos SignWriting em todos os momentos possíveis. Valorizar a identidade surda fortalece a comunidade surda... Utilize-se a literatura surda, o teatro dos surdos, narrativas fantasiosas, como o país dos surdos, a ilha dos surdos, nos quais o final feliz coincide com a livre possibilidade de ser surdo, usuário de LIBRAS. Fortalecer o espírito de aptidão formativa dos surdos fortalece a comunidade surda... Criem-se cursos para instrutores de LS, magistério para surdos.

Isso tudo é possível porque aqui temos diferentes disciplinas, como: língua de sinais, história da educação de surdos, SignWriting, teatro, questões culturais, etc. Todos esses elementos compõem os conhecimentos oferecidos aqui de forma geral (PSm).

Aqui na escola temos mesmo essas disciplinas que abordam questões culturais. Os alunos têm, uma vez por semana, disciplina de cultura surda e, mais uma vez, aula de língua de sinais. Os alunos pequenos têm três vezes por semana aula de língua de sinais. Durante as aulas de cultura surda, os alunos fazem muitas perguntas e aproveitam a presença do professor surdo (PCxs).

Não se põe como objetivo, neste momento, desvalorizar tais elementos contidos nas escolas de surdos. O que parece relevante é dar visibilidade ao espaço central e privilegiado que a escola de surdos ocupa no movimento de sustentação da comunidade surda e os efeitos que isso tem na produção dos sujeitos surdos.

A escola de surdos tem, nessa lógica, dever de traçar uma identidade para quem passa por seus bancos. Se essa escola é pensada para a diferença surda, é inevitável que ela tenha definido alguns traços comuns a quem por ela passa. Desse modo, a identidade acaba sendo fabricada e também capturada pedagogicamente. Nesse sentido, identidades surdas normais e outras desviantes são compostas num modelo de normalidade surda. “[...] a educação impõe, a si mesma, o dever de fazer de cada um de nós alguém; alguém com uma identidade bem definida pelos cânones da normalidade, os cânones que marcam aquilo que deve ser habitual, repetido, reto, em cada um de nós” (FERRE, 2001, p. 196).

Tais contribuições são fundamentais para desnaturalizar a noção de que na escola é possível viver a diferença surda. Sim, isso é possível, mas a diferença surda, ao passar pela instituição escolar, é capturada, adjetivada e normalizada de uma forma ou de outra, na medida em que se forjam acordos entre os membros da comunidade que se colocam na escola.

Retomando as suposições do sujeito educado moderno, que enfatizam, antes de qualquer coisa, que o sujeito é apto a aprender e susceptível ao conhecimento, uma das discussões que fazem parte da pauta de esferas de saber que imprimem as diretrizes legais, políticas e programas educativos está no âmbito do que ensinar. Em outros termos, o que tem valor, no nosso tempo e garantiria ao sujeito êxitos pessoais, profissionais e éticos – sobretudo, o que é “ensinável” a cada sujeito na ordem da regulação e da possibilidade de cuidar-se a contento dos regimes econômicos, políticos e culturais da nossa época.

Se tal discussão está na pauta das formulações educacionais modernas e contemporâneas, é quase lógico que ela também faça parte das discussões localizadas. Nesse sentido, em que vale a pena investir no que se refere ao conhecimento, à formação intelectual e identitária dos sujeitos que passam pela escola de surdos? Como já dito, esta tem sido para os surdos, muitas vezes, um lugar quase exclusivo no que tange à comunicação efetiva, à informação e à criação dos laços interpessoais. Com isso, o que a escola de surdos elege como o que vale a pena oferecer para seus “educandos”? Nesse caso, a proximidade da comunidade com a escola aponta um delineamento específico daquilo em que é possível e necessário investir. A relevância de mostrar esse movimento se deve ao fato de que a constituição do sujeito pedagógico surdo é diretamente interpelada pelo *modus operandi* da escola que, por sua vez, tem seus contornos determinados pela proximidade, afastamento ou forma pela qual a comunidade, com seus preceitos e verdades, a atravessa.

Notas conclusivas

Ao pensar em como o processo de educação escolarizada incide no sujeito surdo, é preciso olhar (também) para as relações entre a escola e a comunidade. Isso se deve ao fato de que a trajetória de cada indivíduo é decididamente marcada (entre tantas outras coisas) pela forma como a escola relaciona-se com o capital cultural de origem da comunidade que a compõe e, mais especificamente, dos alunos que por ela passam. A relação entre sujeito e conhecimento é determinada também por esse processo (ÁLVAREZ-URÍA, 1995).

Este artigo, então, projetou um olhar para o espaço das escolas específicas para surdos no que concerne ao seu funcionamento como instituição utilizada pela comunidade surda com o propósito de dar corpo ao processo de resistência. A interface com a escola de surdos aqui se dá pelo fato de que a comunidade se assegura através da escola e, da mesma forma, esta se fortalece através das lutas da comunidade.

A comunidade surda organiza-se em torno de suas atribuições diferenciais para dar impulso às suas articulações e as coloca em ação dentro da escola. Esta, nesse cenário, muitas vezes funciona como trincheira que guarda por dentro de seus muros a sensação de segurança e a possibilidade de enfrentamentos. Além disso, a comunidade surda, da mesma forma que a escola, também se constitui como espaço de vigilância, controle e segurança. E é nesse cenário que insurge o sujeito pedagógico surdo, tendo sua constituição atravessada pela significação emergida da convergência entre comunidade e cultura surda com o território escolar.

Referências

- ÁLVAREZ-URÍA, F. Escuela y subjetividad. **Cuadernos de pedagogia**. [S.l.], n. 242, p. 55-64, set. 1995.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COSTA, M. V.; MOMO, M. Sobre a “conveniência” da escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 42, p. 521-533, 2009.
- DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-137.
- FERRE, N. D. L. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 195-214.
- LOPES, M. C. Narrativas surdas: a condução das condutas dos escolares. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 2010. CD-ROM.
- LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, p. 81-100, jul./dez. 2006.
- PINEAU, P. Como a noite engendra o dia e o dia engendra a noite: revisando o vínculo de produção mútua entre escola e modernidade. **Pro-posições**, v. 19, n. 3 (57), p. 83-104, 2008.
- VEIGA-NETO, A. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. **Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 7, p. 141-150, set./dez. 2008.

Notas

¹ No Brasil, as políticas educacionais apontam com veemência para a inclusão educacional de surdos nas redes regulares de ensino. Apesar disso, algumas cidades do Estado do Rio Grande

de Sul têm conseguido manter em funcionamento escolas específicas para surdos. É relevante mencionar que a manutenção desses espaços ocorre mediante grande militância por parte de surdos e ouvintes envolvidos na causa da Educação de Surdos.

² No decorrer do texto, a origem dos excertos será identificada através das seguintes siglas: ASm, ACxs, PSm, PCxs e PPoa, representando, respectivamente, excertos das entrevistas produzidas com: alunos de Santa Maria, alunos de Caxias do Sul, professores de Santa Maria, professores de Caxias do Sul e professores de Porto Alegre.

Correspondência

Liane Camatti – Rua Daudt, 577/405, CEP 97010-150, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: lianecamatti@yahoo.com.br – lunazza@gmail.com

Recebido em 05 de abril de 2011

Aprovado em 05 de junho de 2011